O presente ensaio não pretende fornecer mais uma "explicação" para a história do Ocidente. Dado o número das explicações disponíveis, tal empresa seria pretensiosa e redundante. Pretende apenas propor mais um farol a ser instalado por entre os já estabelecidos que iluminam a nossa história, a fim de fazer aparecer os eventos por demais conhecidos sob luz possivelmente nova, e destarte revelar aspectos possivelmente pouco considerados. Pretende iluminar o último ato da tragédia ocidental com luz penetrante, antes que a gerência do teatro decida, com toda razão, cortar a corrente elétrica e mergulhar-nos naquela noite pós-histórica na qual todas as vacas são cinzentas.

Texto/imagem enquanto dinâmica do Ocidente

O tema deste ensaio é a contradição entre o gesto que produz imagens e o gesto que produz textos. Ora, um gesto não é apenas articulação de uma "interioridade". Rebate sobre a "interioridade" e a transforma. Por exemplo: o gesto de imaginar (de fazer imagens) exprime imaginação e, quanto mais imagens são produzidas, tanto mais a imaginação se fortalece. Ou: o gesto de escrever textos exprime conceituação, e quanto mais se escreve tanto mais se desenvolve a capacidade conceitual. E inversamente: se a produção de imagens cai em desuso, a imaginação diminui, e se o ato de escrever se torna raro a capacidade conceitual enfraquece. Isto porque a tal "interioridade" não passa, muito provavelmente, de ponto de vista sobre gestos: "interioridade" é o gesto visto de dentro. Sugiro que as observações um tanto banais que acabo de formular já exprimem a dinâmica da tragédia ocidental, se vis-

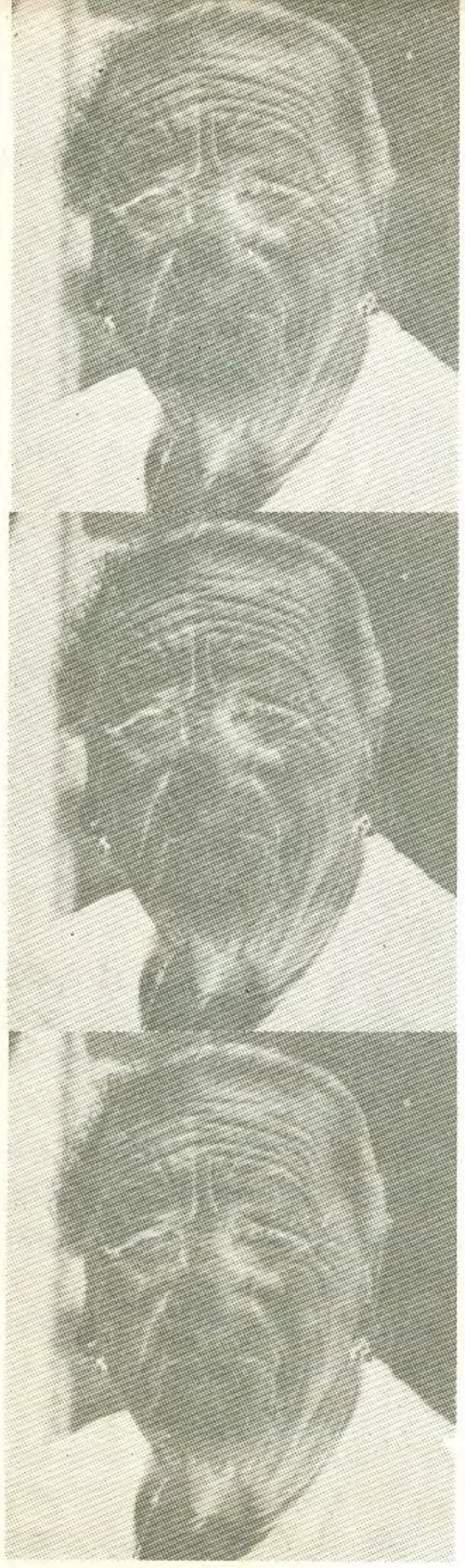
ta sob o ângulo "texto/imagem", e que só me resta explicitar o proposto.

Para fazê-lo, proponho quatro eventos cruciais na história ocidental, eventos estes que permitem captar a "fenomenologia do espírito ocidental" (para parafrasear Hegel). As primeiras imagens, os primeiros textos, os primeiros impressos e as primeiras fotografias. Justifico: com as primeiras imagens se articula a imaginação, com os primeiros textos a conceituação, com os primeiros impressos a conceituação vai dominando a imaginação, e com as primeiras fotografias vai surgindo imaginação nova, com conseqüências ainda imprevisíveis. Se admitirmos tal hipótese, podemos desenhar a seguinte escala para medir os eventos: Começa ela em Lascaux (há aproximadamente 20.000 anos), avança até os primeiros textos alfabéticos (em torno da metade do segundo milênio a.C.), de lá até os primeiros impressos (em torno da metade do segundo milênio d.C.), de lá até a primeira fotografia (em torno da metade do século XIX), para avançar e perder-se nas brumas de um futuro imprevisível. Os trechos desiguais que destarte se formarão podem ser nomeados. O que mede entre Lascaux e os textos poderá ser chamado "pré-história", o que parte da fotografia rumo à aventura poderá ser chamado "pós-história", e o trecho central, que vai dos textos até as fotografias, tendo os impressos como ponto central, poderá ser chamado "história no sentido exato do termo".

Procuremos intuir o gesto que produz uma imagem (por exemplo a do cavalo envolto de manchas azuis na parede da caverna de Peche-Merle). Trata-se de dar um passo para trás da circunstância, a fim de poder abarcá-la com a vista. Os objetos que compõem a circunstância não mais obstam a visão, e esta pode doravante ver as relações entre objetos. No entanto: de tal distância os objetos não mais são alcançáveis para as mãos (deixam de ser "manifestos"), e passam a ser apenas superfícies que aparecem à vista (passam a ser "fenômenos aparentes"). Ora, tais aparências possivelmente enganosas devem ser apanhadas simbolicamente por mãos portadoras de tintas. A intenção nisto é dupla: fixar visão fugaz, e tornar tal visão acessível a outros. Imagem é visão tornada fixa e intersubjetiva. Deve ela permitir à sociedade ver as relações entre os objetos (os contextos relacionais), antes que a sociedade passe a manipular os objetos (por exemplo a caçar cavalos). Destarte vai surgir zona imaginária entre o homem e sua circunstância (o "universo das imagens"), através da qual o homem vai estender sua mão para modificar os objetos. No entanto: dado o *feedback* entre gesto e consciência, tal zona imaginária vai se densificando, e vai encobrindo a circunstância ao invés de revelá-la. As imagens não mais serão utilizadas na manipulação da circunstância, mas, inversamente: as próprias imagens serão manipuladas, na crença que isto modificará os objetos. Imagem será confundida com circunstância, a imaginação vira alucinação, vira idolatria. O que acaba de ser dito é descrição da consciência pré-histórica, da magia.

Procuremos agora intuir o gesto que produz textos alfabéticos lineares. (Que é o gesto graças ao qual o Ocidente escreve.) Trata-se de dar um passo para trás das imagens, a fim de se libertar do fascínio alucinador que exercem. Trata-se de tornar as imagens novamente transparentes para a circunstância que encobrem. Para tanto, um elemento pictórico ("pictorema", "idéia") é arrancado após outro da superfície da imagem, a fim de ser alinhado. Isto é: a superfície da imagem vai ser transposta sobre linha, a fim que seu conteúdo seja contado um por um, seja calculado, "ex-plicado". Isto implica que os elementos pictóricos sejam transcodificados de "idéias" em "conceitos". No início, os elementos arrancados da imagem não serão modificados (escreve-se "pictogramas"), mais tarde serão eles de mais em mais conceitualizados (escreve-se "ideogramas", e finalmente "letras"). Ora, não se trata apenas de rasgar a imagem, a fim de a tornar transparente (não se trata apenas de "crítica" e de "iconoclastia"). Trata-se de substituir a bidimensionalidade da imaginação pela unidimensionalidade do pensamento conceitual, claro, distinto, e progressivo. Os conceitos alinhados segundo regras "ortográficas" vão estabelecendo relações de cadeia (por exemplo as da lógica, da matemática, da causalidade). São tais relações que permitem explicar, contar o conteúdo das imagens. Destarte vai surgir zona conceitual entre o homem e sua imaginação (o "universo dos textos"), através da qual o homem vai poder controlar sua imaginação para poder manipular racionalmente os objetos. No entanto: dado o *feedback* entre gesto e consciência, a zona conceitual vai se densificando, e as cadeias que ordenam os conceitos vão sendo projetadas sobre a própria circunstância, a qual passa a ser contável, explicável, calculável segundo as regras da escrita alfanumérica (exemplo: as ditas "leis da natureza"). Conceituação vira textolatria. O que acaba de ser dito é descrição da consciência histórica do Ocidente.

Não é verdade, no entanto, que com a invenção da escrita alfa-numérica a consciência imaginística, mágica, tenha sido vencida (ou reprimida) pela nova consciência histórica, linear, progressiva. Não é verdade que a história ocidental seja, ela própria, processo linear que desenvolve imagens em textos, transcodifica idéias em conceitos. Embora os primeiros letrados (por exemplo os profetas judeus e os pré-socráticos) se tenham violentamente engajado contra imagens, considerando-as alienantes ("pecados", "erros"), as imagens resistiam a tais ataques. Absorviam elas os textos que contra elas avançavam, e recodificavam elas os conceitos em idéias. Na medida em que os textos iam explicando as imagens, as imagens, por sua vez, iam ilustrando os textos. A história do Ocidente passou a ser dialética entre texto e imagem, graças à qual ambas as consciências se iam fortalecendo mutuamente. A imaginação se tornava sempre mais conceitual, e a conceituação sempre mais imaginativa. Basta, para constatarmos isto, lermos pergaminho medieval iluminado. O cristianismo, esta síntese do Ocidente, pode ser visto enquanto síntese entre texto e imagem. Enquanto historização de imagens pagãs, e magicização de conceitos históricos judeus. A sociedade ocidental se dividiu em duas camadas: a dos letrados que viviam historicamente, e a dos analfabetos que continuavam vivendo pré-historicamente. A camada iletrada fornecia à letrada as imagens a serem explicadas, e a letrada impunha sobre a iletrada os textos sagrados. O que aca-



ba de ser dito é descrição da história ocidental até a invenção da imprensa.

Com tal invenção, a consciência histórica passou a dominar a sociedade toda. Os impressos baratos e acessíveis a todos, e a introdução da escola obrigatória que é conseqüência de tal inflação de textos, expulsaram as imagens da vida quotidiana, para encerrá-las em guetos cercados de aura benjaminiana do tipo "exposição" ou "museu". As imagens destarte degradadas para se tornarem "arte" iam se tornando raras, e a capacidade imaginativa ia enfraquecendo. A sociedade ia mergulhando, sobretudo depois da Revolução Industrial, naquele cinzento que caracteriza os textos impressos preto sobre branco. Os textos, agora não mais impedidos por imagens, podiam doravante avançar com aceleração crescente, ao longo de suas linhas, e a conseqüência são a ciência pura e aplicada. E outros textos, libertos do impedimento imaginístico, podiam doravante substituir-se às imagens; textolatria ao invés de idolatria. A conseqüência foi o domínio de ideologias (de textos que obrigam a circunstância a adaptar-se ao escrito), e ainda sofremos do poder assassino de tal consciência histórica barata, inflada e "democratizada". O que acaba de ser dito é descrição da consciência ocidental moderna.

Ora, segundo a hipótese aqui apresentada, tal vitória do texto sobre a imagem é o fim da história ocidental *sensu stricto*. Os textos, desimpedidos de imagens, vão projetando doravante sua própria estrutura sobre o mundo lá fora e cá dentro. O mundo lá fora passa a ser inteiramente concebível, calculável, e inimaginável: passa a dissolver-se em partículas ("calculi") e em relações entre partículas ("campos"). E o mesmo ocorre com o mundo cá dentro: passa a dissolver-se em partículas do tipo "bit", "elemento de decisão" e "actoma". Passa a ser mundo vazio, e os conceitos inimagináveis que o explicam passam a ser conceitos vazios. Fim da história ocidental: abismo absurdo lá fora e cá dentro.

Precisamente em tal ponto final da história ocidental foi inventada a fotografia. Não creio que se possa exagerar a importância de tal invenção, e descreverei o gesto de fotografar para demonstrá-lo. Trata-se de apertar botão que põe em movimento aparelho, o qual vai apanhar automaticamente fótons em moléculas de sais de prata, e inserir tais moléculas fotonizadas automaticamente em superfície de imagem. De forma que a fotografia não é imagem de objetos, mas de elementos teoricamente concebidos (moléculas, fótons) e tais elementos concebidos vão ser "imaginados" (inseridos em imagem) a fim de representarem objetos. Por isto toda fotografia, se vista de perto ("close reading") deixa de ser imagem de objetos, e passa a ser mosaico composto de partículas e intervalos. Ora, o mesmo vale para a mesa sobre a qual estou escrevendo o presente ensaio. A mesa, ela também, vai se revelar, se vista de perto, enxame de partículas que flutuam no vazio. O que permite captar o propósito da fotografia: tornar imaginável a mesa concebida. Trata-se, no gesto fotográfico, de dar passo para trás dos textos, arrancar os conceitos dos quais são compostos, e destarte re-torná-los imagináveis. Trata-se de computar o universo calculado (contado, concebido), de integrar os intervalos (os diferenciais) entre os elementos, a fim de poder imaginar (dar sentido) ao abismo absurdo. A consciência histórica, linear, calculadora, deve ceder lugar a consciência bidimensional, imaginativa, computadora. Destarte vai surgir zona imaginária nova entre o homem e seus conceitos (o "universo das imagens técnicas"), através da qual o homem vai poder imaginar os seus conceitos. Dado o *feedback* entre gesto e consciência, o universo das imagens técnicas (fotos, filmes, vídeos, imagens sintetizadas por computador), vai se densificando, e nova capacidade de imaginar vai surgindo. O que acaba de ser dito é descrição da consciência pós-histórica emergente.

É importante distinguirmos entre a imaginação pré-histórica e a imaginação nova. Durante a produção das imagens tradicionais o homem recua da circunstância, a fim de abarcá-la com sua vista. Durante a produção das imagens técnicas o homem recua dos seus conceitos para imaginá-los. A imaginação pré-histórica é a capacidade de abstrair as duas dimensões da superfície e a partir da quadridimensionalidade do espaço-tempo ambiente. A imaginação

pós-histórica é a capacidade de abstrair os conceitos zerodimensionais a partir da linearidade dos textos, e imaginá-los sobre planos. Exemplo impressionante de tal capacidade é imagem computada de equações fractais, tal qual aparece nos monitores de computadores. Ora, tal imaginação nova exige atitude nova perante o mundo, e perante a existência no mundo. Embora assumamos tal atitude com freqüência crescente, ainda não conseguimos concebê-la. Procurarei intuí-la.

A consciência linear, histórica, textual projeta as regras da escrita sobre o mundo, e este vai adquirir caráter textual: "matura libellum". (Como a consciência bidimensional, pré-histórica, imaginativa, projeta a estrutura da imagem sobre o mundo, e este vai adquirir caráter imaginativo: "cena".) Trata-se, pois, para a consciência histórica, decifrar o texto que é o mundo. É ele mundo composto de signos (significante), e tais signos devem ser interpretados. A consciência deve inclinar-se sobre o mundo significante, adequar-se a ele ("adaequatio intellectus ad rem"). Este gesto de inclinação é o da ciência da natureza. Ora, a consciência emergente abandona decepcionada tal reverência perante o mundo, porque "descobriu" que não há nada no mundo que possa ser decifrado. Que o mundo é composto, não de signos, mas de partículas insignificantes que formam relações insignificantes. Que o aparente caráter textual do mundo foi para lá projetado pela consciência humana (e sobretudo pela ciência da natureza). Que as ciências nada decifram na natureza a não ser a estrutura do seu próprio pensamento. A consciência emergente "descobriu" que, ao termos nascido, fomos lançados em mundo absurdo. Ao abandonar a inclinação reverencial perante o mundo, ao pôr-se de pé, a nova consciência "descobre" (ou redescobre) que é o homem quem projeta significado sobre mundo absurdo, e que tal projeção ("Sinngebung") é a dignidade humana.

Trata-se de reversão dos vetores de significado. Os textos históricos (tanto quanto as imagens pré-históricas) são espelhos que captam os signos provindos do mundo para interpretá-los. O mundo é o seu significado. As imagens técnicas são projetores que lançam signos sobre o mundo, a fim de dar-lhe sentido. As imagens técnicas são o significado do mundo. Exemplo: as imagens eletromagnéticas captam fenômenos sem sentido (eléctrons), e os codificam para que signifiquem algo (aviões a serem construídos, cubos de quatro dimensões, imagens de objetos "impossíveis"). Tais novas imagens significam conceitos cujo propósito é conferir significado ao mundo. Nova antropologia começa a cristalizar-se: o homem enquanto doador de sentido a si próprio e ao mundo.

Tal antropologia nova se manifesta pela nova posição do pensamento conceitual na dialética "texto-imagem". O propósito do pensamento conceitual no contexto da consciência histórica era o de criticar imagens, ao transcodificar idéias em conceitos. Seu propósito era o de des-magicizar, des-mitizar, explicar, tornar tudo claro e distinto. O propósito do pensamento conceitual no contexto da consciência nova é outro. É o de servir à nova imaginação na sua tarefa de dar significado ao mundo. Exemplo: o gesto das pontas de dedos que manipulam teclas de computador sintetizador de imagens. Tais pontas de dedos manipulam conceitos claros e distintos, a fim de que estes sejam transcodificados em imagens. O pensamento conceitual, o qual, na sua origem, era iconoclástico, passa a ser atualmente preparador para o pensamento imaginativo novo. Serve, não mais para explicar o mundo, mas para dar-lhe sentido.

Tal nova antropologia terá sem dúvida conseqüências profundas, em sua maioria imprevisíveis. Apenas um único exemplo: a ciência, tal forma suprema do pensamento conceitual, deixará de ser disciplina que explica, e passará a ser disciplina que confere significado. O que a transformará em disciplina artística, já que a arte (o pensamento imaginativo) sempre procurava conferir significado. Ora, ciência enquanto uma entre as artes obrigará repensarmos os conceitos "verdade" e "conhecimento".

Não posso deixar de concluir este parágrafo sem chamar a atenção sobre o seguinte: na história ocidental o pensamento conceitual se articula sobretudo pelo código alfa-numérico, e o pensamento conceitual no contexto novo recorre a códigos outros (os dos computadores). O provável abandono do alfabeto enquanto código ultrapassado (como o são os nós incaicos) terá conseqüências profundas.

Devo, finalmente, justificar o emprego do termo "pós-história", o qual tem, inegavelmente, conotações apocalípticas, e que, portanto, pode parecer inadequado. (Escrevi, para justificar tal termo, ensaio publicado no Brasil ("Pós-história"), e outro publicado na Alemanha ("Ins Universum der technischen Bilder"), de modo que posso ser resumido.) Propus, neste ensaio, que "história" seja aquele processo graças ao qual imagens vão sendo desenvolvidas em textos, e portanto idéias vão sendo transcodificadas em conceitos. Propus que, enquanto ocidentais dotados de consciência histórica, estamos engajados na crítica das imagens (do "paganismo"), e na produção de explicações progressivas (na história "sagrada" no mais amplo significado de tal termo). Ora, com a atual inversão da dialética "texto-imagem", graças à qual doravante o pensamento conceitual vai servir para a produção de imagens, tal engajamento nosso passa a ser inoperante. E é precisamente tal inoperatividade do engajamento histórico que chamei de "pós-história" neste ensaio.

A conotação apocalíptica do conceito de "pós-história" não fica diluída, no entanto, se aceitarmos que a consciência pós-histórica vai resultar em aventuras futuras imprevisíveis. Pelo contrário, vai se acentuando. Porque as imagens técnicas, tais quais vão emergindo em torno de nós, e tais quais vão absorvendo o pensamento conceitual, crítico, vão mergulhando-nos na noite escura da imaginação emancipada da crítica disciplinada. De modo que toda a história ocidental, essa luta mais que trimilenar do conceito contra a idéia, vai se revelando atualmente comédia de erros. Comédia, no entanto, que para nós, os nela engajados, não deixa de ser trágica: as imagens novas são nossa derrota.

Vilém Flusser, conferencista de âmbito europeu, nasceu em Praga (1920) e vive atualmente na Provence. Veio para o Brasil em 1940, onde publicou *Língua e diabo, Da religiosidade, Naturalmente,* etc.